

Representação do trabalho rural feminino em Concórdia de 1940 – 1950

Representation of women's rural work in Concordia, 1940-1950

Jordan Brasil dos Santos,¹ UFPEL

Resumo

A utilização de imagens históricas como fontes primárias na pesquisa acadêmica oferece uma perspectiva valiosa, mas apresenta desafios significativos. Embora essenciais para compreender sociedades passadas, as imagens possuem limitações na captura das interações sociais. A análise crítica deve considerar o contexto cultural e histórico em que foram produzidas. O conceito de opacidade e transparência é crucial para interpretar as imagens: opacidade refere-se à materialidade da imagem e seus aspectos técnicos, enquanto transparência envolve os significados transmitidos além da representação literal. Essa dualidade implica que, apesar da materialidade intrínseca, as imagens são reinterpretadas nos contextos culturais dos observadores. Um exemplo significativo é a representação das mulheres agricultoras, que frequentemente reforça estereótipos de gênero e oferece insights sobre seu trabalho e vida cotidiana. Interpretar essas imagens requer atenção às relações de poder e normas sociais da época. A combinação de diferentes fontes e a busca por novas evidências são essenciais para construir uma visão mais completa das sociedades estudadas.

Palavras-chave: Imagens Históricas; Contexto Cultural; Representação de Gênero.

Abstract

The use of historical images as primary sources in academic research offers valuable insights but also presents significant challenges. While essential for understanding past societies, images have limitations in capturing social interactions. Critical analysis must consider the cultural and historical context in which they were produced. The concept of opacity and transparency is crucial for interpreting images: opacity refers to the materiality of the image and its technical aspects, while transparency involves the meanings conveyed beyond the literal representation. This duality implies that despite their intrinsic materiality, images are reinterpreted within the observers' cultural contexts. A significant example is the representation of women farmers, which often reinforces gender stereotypes while providing insights into their work and daily lives. Interpreting these images requires attention to the power relations and social norms of the time. Combining different sources and seeking new evidence are essential to construct a more complete view of the societies studied.

Keywords: Historical Images; Cultural Context; Gender Representation.

Introdução

O presente artigo, visa analisar como foi representado o trabalho no campo na microrregião de Concórdia nos anos de 1940 a 1950. Essa representação se deu a partir de imagens arquivadas no museu municipal e por isso necessitam serem problematizadas para a

¹ Doutorando em História (UFPEL).

melhor compreensão. O uso das fontes visuais para produção historiográfica leva ao estudo da sociedade na sua totalidade. Entendendo que antes da imagem vem a própria sociedade.

A região de Concórdia está localizada na região do Oeste Catarinense. Essa região é marcada pelo seu processo de desenvolvimento. Um processo de migração populacional que, segundo Poli (1991), existem três fases: a indígena, a cabocla e a de colonização. A fase indígena durou até meados do século XIX onde a região era ocupada pelos Kaingang, a fase cabocla, uma população miscigenada com os indígenas, onde a principal atividade era a agricultura de subsistência e formava assim a “frente da frente”, após a invasão das comunidades indígenas o caboclo ocupava, por um tempo determinado, as terras como “posseiro”, em seguida vinham os colonos e compravam e ocupavam definitivamente a terra (Poli, 2006, p. 164-165).

A colonização fez com que a região oeste de Santa Catarina tivesse uma mudança substancial na sua organização geográfica e social. Entre os anos de 1908 e 1910, com a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, iniciou-se o povoamento com a chegada dos trabalhadores da ferrovia. Para Valentini (2015) após a inauguração da ferrovia e das primeiras concessões de terra para a Brazil Railway Company para a colonização, seguiram-se anos de grandes negociações de terra e de expropriação dos nativos. A instalação da estrada de ferro era a modernização chegando ao oeste, considerado como atrasado, para trazer o “progresso” e isso gerou a oportunidade de reprodução ao capital por meio de articulação entre localidades de produção de mercadorias e serviço, “a chegada do trem a vapor em Santa Catarina simbolizava o moderno” (Pertile, 2008, p. 52), mas essas transformações não aconteceram de forma pacífica, geraram revoltas entre os sertanejos iniciando a Guerra do Contestado (1912- 1916).

A partir da década de 1940 a agricultura familiar começou sua consolidação na região. Surgindo assim as indústrias de processamento de alimentos que se fortaleceu pelo aumento da demanda interna por alimentos. Mesmo assim, numa escala menor, a extração de erva mate e de madeira continuavam e contavam com a mão de obra dos agricultores e agricultoras. Esses fatores fizeram com que elementos da vida dos agricultores familiares fossem deixados de lado para que elementos técnicos fossem incorporados visando a melhor produtividade (Pertile, 2008).

Nessa região, as mulheres agricultoras eram, na sua maioria, de origem italiana ou germânica, brancas e com um nível de escolaridade baixo ou inexistente. Essas mulheres já

desempenhavam atividades produtivas e reprodutivas, mas a partir da entrada do capital agroindustrial, lidavam ainda com a exploração do capital sobre seus corpos, saberes e seus trabalhos. Isso gerou uma invisibilização, ainda maior, do trabalho das mulheres rurais porque as atividades produtivas foram masculinizadas, pois eram remuneradas, e as atividades reprodutivas foram feminilizadas, pois não geravam renda direta, apesar de serem essenciais para o trabalho no campo. Essa mulher participou tanto das atividades produtivas e reprodutivas ao contrário do homem que, na maioria das vezes, só dedicou tempo para as atividades remuneradas.

A agroindústria aprofundou, ainda mais, as desigualdades de gênero na agricultura, principalmente na questão do trabalho, transformando o agricultor em assalariado e a agricultora em ajudante do homem. A exploração da mão de obra dos agricultores e seus corpos, foi a base fundadora do capitalismo na região. À mulher foi imposto os trabalhos reprodutivos (trabalhos domésticos e de cuidado) e desconsiderada nas atividades produtivas (atividades da propriedade rural que geravam renda), criando assim, uma invisibilização do seu trabalho. A divisão sexual do trabalho no campo ganha traços permanentes, definindo os espaços masculinos e femininos, do trabalho e do não trabalho, desvalorizando a participação feminina nos trabalhos produtivos (Deere; León, 2001). O trabalho da mulher não recebe reconhecimento, nem mesmo quando ela desempenha atividades produtivas, sendo considerada como uma ajuda ao trabalho do homem (Heredia, 1979) e “as hierarquias de gênero e geração delineiam a divisão do trabalho no campo – um padrão que se (re)produz dentro das famílias, a partir de certas práticas sociais e da legitimidade da autoridade masculina” (Schwendler, 2020, p. 7).

Conceituação de imagens

Uma questão importante é de que a problemática histórica é proposta pela pesquisa e não pelas fontes obtidas. As fontes auxiliam a pesquisa e contribuem para compreender a sociedade, que é o objeto de qualquer pesquisa histórica. Nesse sentido é que as fontes visuais são importantes, para a compreensão da sociedade e suas representações, mas sempre deve ser considerada a sua limitação que é a impossibilidade de revelar a interação social na sua integralidade. Fazendo-se necessário, mesclar as fontes, ir em busca de novas fontes para a reconstrução das sociedades em estudo. Essas fontes visuais são partes vivas da nossa

realidade, e necessitam serem lidas a partir do entendimento da sociedade, de sua cultura e de seus costumes (Menezes, 2003).

No momento em que a imagem adquire a alteridade ela começa a ser interpretada com uma valoração específica para aquela cultura ou sociedade. A alteridade propõe um respeito ético pelo outro, uma tolerância. É nesse momento que a imagem passa a ser entendida como o outro. Uma fonte com valores e importâncias que geram incômodos e satisfação (Santiago Jr., 2019). É dentro dessa alteridade que a cultura visual existe para toda a sociedade que produz imagens em contextos históricos. As novas imagens ou as velhas imagens são retomadas e desafiam os padrões estabelecidos. Ou seja, é uma tomada de consciência, pela sociedade, sobre a produção de imagens (Menezes, 2003).

A imagem pode adquirir diferentes significados para diferentes indivíduos, isso é a parte essencial da imagem, gerar algo por ser um 'outro'. Essas atitudes geradas por esse algo, que é a imagem, constroem a alteridade que ela adquire. Há uma constituição de relações das coisas com as pessoas, reconhecendo a importância do imaginal, possibilitando uma reinterpretação do mundo, valorizando formas complexas de afeto, produzindo uma revisão do presente e do passado histórico. Se a imagem é o fundamento das coisas é necessário estudar as coisas a partir do seu ponto de vista e confrontar com outras fontes (Santiago Jr. 2019).

Nessa perspectiva podemos entender a imagem como um médium, um tipo de linguagem que representa algo, que representa uma determinada situação, como o todo de uma realidade que se captura pela lembrança, que representa uma realidade. A imagem pertence obrigatoriamente numa cultura material e pode apontar alguns fenômenos culturais, sociais, como formas afetivas que não são especificadas pela linguística, ficando assim mal focadas numa reflexão sobre o mundo. A leitura da imagem deve contemplar esses aspectos culturais e sociais que representa uma realidade específica. Para essa leitura ser um trabalho de história é necessário que ela seja uma leitura crítica, deve ser feito um estudo crítico da imagem. Ou seja, uma construção do conhecimento do passado através de um vestígio no presente (Santiago Jr, 2019).

A imagem projeta uma questão cultural e também uma questão pessoal. Sempre levando em consideração que todos os indivíduos pertencem a um coletivo maior e que isso influencia diretamente a forma como interpreta a imagem. A forma como interpretar essas imagens são frutos da visão do passado que o historiador possui. Os afetos e simbolismos se

expressam de forma mais visível para quem lê. Isso ocorre porque esses elementos tornam-se mais significativos para quem lê.

É necessário compreender a cultura para compreender a imagem. A imagem é necessariamente um tipo de linguagem. Para Santiago Jr. (2019) trazendo a teoria Boehm, não formalista, afirma que a imagem será necessariamente interpretada a partir da cultura em que a imagem está inserida, a que se refere. As novas tecnologias influenciaram essas novas abordagens de Boehm. A base de interpretação das imagens já se deu conta de que a questão formalista não faz sentido, tem do que ir para além dela. Questões importantes devem ser consideradas como: porque a imagem foi construída, para quem ela foi construída, qual a âncora com o contexto local.

Para Alloa (2015) a imagem tem um duplo paradigma opacidade e transparência, que é oposto. A opacidade é a representação da materialidade da imagem e a transparência é o que transcende ao que está representado, ao objeto. Toda a imagem tem um suporte, uma materialidade física, e deve ser considerado no conjunto de leitura. A transparência é imanente e se ressignifica conforme a cultura e a interpretação dos indivíduos, sendo incluindo coisas que são individuais. O material e a transcendência são essenciais para a interpretação. Sendo sempre oposição a alguma coisa. Essa oposição remete a ideia do que compreendemos sobre a imagem, “uma imagem, por mais perfeita, tira sua iconicidade de uma diferença. Logo, a diferença icônica não seria, portanto, mais restrita à imanência de um ente, mas ela acontece onde haja uma diferenciação” (Boehm, 2015, p. 28).

A leitura das imagens, suas interpretações devem ser consideradas a transparência e apropriação. Ou seja, a leitura parte da percepção e consciência, sendo individuais. As apropriações de imagens dependem do nível de consciência sobre a imagem, cultural individual e coletivo, de que cada indivíduo possui da imagem. A imagem é uma produção da realidade, mas não é concreto, ela se atualiza de acordo com as interpretações e com a consciência. Essa é a transcendência da imagem, dialogando com a percepção dos indivíduos (Boehm, 2015).

As descrições sobre a imagem, escritos, reportagens, fazem com que o pesquisador veja as transparências da imagem, contribuindo para a compreensão dos vários contextos da produção da imagem. Além do contexto do pesquisador que influencia diretamente na interpretação da imagem. Não sendo substitutivas de nada, nenhuma imagem substitui a outra. Palavras e gestos fazem parte de um sistema de linguagem assim como a imagem também é.

A construção do sujeito faz com que a imagem ganhe um outro significado, uma nova significação. Essa é a lógica da mostração, o que ela mostra primeiro, o que tem nas linhas primeiras, o que ela dá ênfase. Boehm (2019, p.32-36) demonstra que a lógica da mostração ela mostra aspectos, como pensar, aprender, compreender, sendo a imagem como palavra. A mostração se fundamenta do gesto motor, inteligibilidade (do espectador). Dessa forma, a mostração é a demonstração da produção de significação, do gesto e da imagem. A mostração é o pensar a imagem, a ligação entre o material imagético e a visualidade que desse emana.

A imagem traz inúmeras informações sobre a cultura local, sobre as diferenças culturais nas representações. As perguntas que são feitas para a imagem mostram aquilo que nem sempre parece real na imagem. Os elementos discursivos da imagem fazem atravessar as camadas, através das transparências e mostram uma percepção comum a determinado alguns grupos coletivos e individuais. As leituras sobre a imagem são diversas e múltiplas, individuais e coletivas, simultaneamente e concomitante. Entrar nas camadas é ir com intensidade para dentro dela, saindo do lugar de conforto.

A imagem e o texto têm uma aproximação com relação aos símbolos, são formas de comunicação e construção de narrativas. Segundo Mitchel (2015) imagens e textos partem do mesmo princípio, mas exigem de metodologias diferentes para fazer a leitura delas. A imagem pode ter uma ligação natural dependendo de convenções sobre as referências, sendo uma representação. Comparar as imagens e textos é fazer uma metáfora e diferencia-las é anunciar uma verdade literal, dadas as diferenças.

Os símbolos, a representação que as imagens trazem remetem a mensagem pré-estabelecidas socialmente. As imagens e textos servem para a representação de algo, trabalhando juntas, que através de convenções é possível ler o mundo num sistema de representações.

Mundo rural e trabalho

É no mundo rural da sociedade, em especial a sociedade brasileira, que podemos encontrar nossas raízes e localizamos a “herança de nossas tradições que se situam no âmbito das experiências vivenciadas no cotidiano e no universo simbólico da sociedade” (Brandenburg, 2010, p. 168). O mundo rural segundo Holanda (1978) foi marcado pelo domínio das grandes propriedades, onde o proprietário era o chefe da família, o mandatário e dono de um poder. Essas relações foram construídas no interior das grandes propriedades. No

sul do Brasil, com a necessidade de produção de alimentos e proteção da fronteira geográfica, a propriedade rural assumiu características diferentes, como é o caso do Oeste de Santa Catarina. As pequenas propriedades familiares tinham, na organização da vida social, a comunidade, ou vizinhos como referência de grupos do mundo rural (Brandenburg, 2010). Esse mundo rural não foi algo a parte da sociedade como um todo, está integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto das relações internacionais (Wanderley, 2000).

A colonização do mundo rural, se deu, segundo Brandenbrug (2010), através da modernização da agricultura, uma modernização conservadora que expulsou do campo milhares de camponeses, pequenos agricultores familiares e trabalhadores rurais. A agricultura fica subordinada, a partir da modernização, ao capital, e isso altera toda a forma de organização do campo, “moderniza, mas não o transforma totalmente, por isso o coloniza” (Brandenburg, 2010, p. 178), e isso acaba expropriando o agricultor transformando-os em trabalhadores assalariados ou mal remunerados. Com essa modernização conservadora a propriedade rural torna-se mais concentrada e “as disparidades de renda aumentaram, o êxodo rural acentuou-se, aumentou a taxa de exploração da força de trabalho nas atividades agrícolas, cresceu a taxa de auto- exploração nas propriedades menores, piorou a qualidade de vida da população trabalhadora do campo” (Palmeira, 1989, p. 87).

A entrada do capital no oeste catarinense se deu com a construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, com isso a empresa adquire o direito de explorar as terras ao redor da ferrovia com o objetivo de colonizar a região. Assim começa o processo de privatização da terra com os loteamentos e venda para os colonos das colônias velhas do Rio Grande do Sul. Assim houve a expropriação em massa da população indígena e cabocla que não tinham condições de comprar e até então tinham a posse da terra. Esse processo de privatização da terra aumenta o desequilíbrio das relações de gênero com o aprofundamento da divisão sexual do trabalho no campo, além da exploração do trabalho do agricultor, especialmente o trabalho da mulher.

Os trabalhadores livres, que vendiam a sua força de trabalho para o capital, segundo Marx, nem integram os meios de produção e esses não lhe pertencem, estão livres e desvinculados desses meios, e isso transforma “os produtores diretos em trabalhadores assalariados” forma então a acumulação primitiva, que é um “processo histórico de separação entre produtor e meio de produção”, essa é a história da expropriação do produtor e de seus meios de produção (Marx, 2013, p.960). Para Marx (2013) a expropriação da terra é a base de

todo o processo de acumulação primitiva.

A dominação do corpo e dos saberes das mulheres é parte dessa acumulação primitiva. Para a acumulação capitalista ser efetiva era necessário controlar o sujeito para o trabalho sem remuneração e também para a procriação, então a mulher passou a ser controlada para o trabalho não remunerado e para ter filhos o “corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres” (Federici, 2017, p. 146).

Para a autora a história das mulheres está intimamente ligada com a história da acumulação primitiva. Surge uma nova ordem social patriarcal que “tornava as mulheres servas da força de trabalho masculina” e isso foi essencial para o desenvolvimento do capitalismo, pois essa foi a base para “uma nova divisão sexual do trabalho, que diferenciou não somente as tarefas que as mulheres e os homens deveriam realizar, como também suas experiências, suas vidas, sua relação com o capital e com outros setores da classe trabalhadora” (Federici, 2017, p.232). A relação de poder da divisão sexual do trabalho fez com que a acumulação primitiva fosse feita de forma rápida e intensa. Assim, “a acumulação primitiva foi, sobretudo, uma acumulação de diferenças, desigualdades, hierarquias e divisões que separaram os trabalhadores entre si e, inclusive, alienaram a eles mesmos” (Federici, 2017, p.234).

Bourdieu (1995) afirma que a divisão sexual, que perpetua a dominação masculina, está presente nas práticas cotidianas, no *habitus* de cada indivíduo e de tal forma que pareça natural. O *habitus*, para Boni (2005), é a naturalização da patriarcal divisão sexual do trabalho na pequena propriedade rural e a autora afirma a dificuldade de quebrar com essa naturalização já que a socialização da mulher rural foi “é muito rígida” ela foi “educada para aceitar o que os homens decidem e mesmo quando não aceitam, não lhes é dado o direito de intervir” (Boni, 2005, p.52).

Karl Marx analisou a transformação da propriedade feudal para a propriedade capitalista na Inglaterra do século XVIII essa propriedade passa por um processo de transformação de propriedade feudal para propriedade privado com um sentido de utilidade econômica ao bem, tentando fazer o máximo de dinheiro possível “ela proporciona ao proprietário a máxima renda fundiária possível, ao arrendatário o máximo lucro possível de seu capital. Os trabalhadores agrícolas estão, por isso, reduzidos já ao mínimo [...]” (Marx, 2004,

p. 77). Marx não defendia o fim da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade privada nos meios de produção. A burguesia separou o sujeito que realiza o trabalho, o trabalhador, do proprietário da produção, o burguês. Para Marx, essa “expropriação e expulsão de uma parte da população rural não só libera trabalhadores para o capital industrial, e com eles seus meios de subsistência e seu material de trabalho, mas cria também o mercado interno” (Marx, 2013, p.994).

A colonização favoreceu os migrantes para conseguirem comprar mais terras do que nas colônias velhas, de acordo com a capitalização familiar. Deste modo, estabeleceram-se as pequenas propriedades rurais onde havia a garantia de reprodução social para todos os membros da família, sabe-se que com relação as mulheres esse argumento não era considerado, ou seja, as mulheres eram deserdadas da herança familiar. A mercantilização da terra, através da pequena propriedade rural, foi marcada pela desigualdade de gênero entre os filhos homens e as filhas mulheres, para eles a herança estava garantida, para elas apenas um enxoval e na melhor das hipóteses uma novilha (Renk; Winckler, 2017).

Essa pequena propriedade de terra organizou a vida dos imigrantes social e economicamente, pois a família controlava os meios de produção e exercia todas as atividades de trabalho da propriedade rural, assim a ordem social do colono estava unida entre a propriedade, família e trabalho. Para manter a sobrevivência da família o trabalho de todos era importante, num primeiro momento na lida com a madeira, após isso, com o plantio de produtos de subsistência e criação de animais para a alimentação. A criação de suínos foi comum, pois exigia pouco trabalho e os colonos já tinham familiaridade com essa técnica, que era relativamente fácil. Assim a pequena propriedade rural estava consolidada, com a diversificação da produção e de atividades e com todos da família trabalhando (Konrad; Da Silva, 2012).

Com a crescente necessidade das famílias em adquirir mais terras para os descendentes, houve também a crescente comercialização do excedente da produção. Isso aumentou a quantidade de casas comerciais como moinhos, laticínios, pequenas indústrias de banha. Assim, a suinocultura consolidou-se como sendo uma das atividades motoras da agricultura através do comércio de suínos e de banha, surgindo os primeiros frigoríficos na região (Campos, 1987).

Essa pequena propriedade é marcada pelo uso da força de trabalho de toda a família e é nela que a produção, consumo e vida social dos imigrantes acontece. Há uma relação

próxima com a terra, que une “domínio doméstico e a produção para o mercado”, sendo essa unidade de produção um elemento básico para a “interação social” (Seyferth, 2011, p. 17). Sendo a principal motivadora das transformações sócio – espacial baseada na força de trabalho e também de acesso aos meios de produção (Konrad; Da Silva, 2012). As características da agricultura familiar estão centradas na mão de obra, terra e renda, já que é na família que há a concentração do trabalho e da renda na propriedade. Os agricultores familiares produzem e vendem o excedente da produção que não é designado para a sua subsistência (produção e trabalho) e possuem autonomia para alocar e realocar os fatores de produção (Troian; Breitenbach, 2018).

A Imagem 1, arquivada no Museu Histórico de Concórdia, mostra a realidade da rotina de trabalho numa propriedade familiar, onde todos os membros da família devem desenvolver atividades que geram renda. Existem variações na quantidade de trabalho e na forma de acordo com a idade, o gênero e a hierarquia familiar. É possível perceber que na imagem tem um adolescente com uma foice na mão, sinal de que o trabalho entre os agricultores familiares é aprendido desde a mais tenra infância. É acompanhando os pais nas atividades agrícolas que as crianças e adolescentes aprendem as técnicas agrícolas e a forma como tratar os animais. O trabalho das crianças e adolescentes é essencial para a produção de bens e serviços necessários para o consumo da família toda. Mesmo assim esse trabalho é considerado uma ajuda para a propriedade.

Na Imagem 1 ainda é possível perceber que existem mulheres mais jovens e de mais idade, provavelmente é a mãe com suas filhas. Não é possível ter exatidão pois não há a descrição de quem são as pessoas da foto e nem se a foto foi encomendada ou tirada espontaneamente. Muito provavelmente, essa foto foi encomendada pela família, visto que na década de 1950 fotografia era algo raro e caro. O fato de ter mulheres nas fotos comprava que as mulheres, mesmo que seja para posar para uma foto, estavam presentes nas atividades produtivas, ou seja, nas atividades que geram valor econômico para a propriedade. Um fato curioso é que elas estão de saias, isso dificultaria e muito o trabalho no campo, podendo ser explicado pelo fato de que era apenas vestimenta para uma foto posada e não necessariamente a rotina diária da família.

Nesse momento pode-se perceber que a imagem ganha alteridade como afirma Menezes (2003) ou seja é nessa alteridade que há a produção de imagens em contextos históricos diversos. Assim as imagens velhas voltam para serem analisada, mas agora com

novas problemáticas, ocorre essa conscientização social que é necessário revisitar e reinterpretar essas imagens históricas, como é o caso da imagem 1.

Há um homem no canto direito da foto, imagem 1, provavelmente foi algum trabalhador da região, que necessitavam trabalhar em forma de diárias. As diárias eram comuns na região para as famílias numerosas, com muitos filhos, então os mais velhos necessitavam ir em busca de vender a sua mão de obra e troca de recursos financeiros ou até mesmo em troca de produtos de alimentação. E há um homem agachado que ganha um destaque na foto. Hipoteticamente acredita-se que seja o homem responsável pela propriedade. Essa imagem exemplifica o Federici (2017) falou a divisão sexual que foi construída em cima da acumulação primitiva e com isso as diferenças, desigualdades, hierarquias e divisões foram acumuladas também alienando e separando os trabalhadores. As diferenças percebidas na postura dos indivíduos, na imagem, deixam claro que há uma acumulação das diferenças e uma hierarquia no campo.

Imagem 1- Colheita e trigo - Década de 1950 em Concórdia/SC.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Concórdia/SC.

A foto é uma representação de poder, uma escolha da representação do mundo rural, uma escolha feita pelo fotógrafo ou pela família. A escolha desse cenário, muito provavelmente, pode ser explicada pela importância que o trabalho possui entre a maioria dos imigrantes que vieram para o oeste catarinense. O trabalho é culturalmente construído na lógica do capitalismo, e é uma condicionante de separação, ou seja, quem trabalha e produz é digno de respeito e prestígio na comunidade, e quem não trabalha não está no patamar do

respeito e da dignidade. Essa ideia está muito enraizada na lógica protestante, onde o trabalho é garantidor de dignidade e construído como um dever moral (Cassel; Moreira; Zilioto, 2005).

A imagem 2 mostra um cenário muito parecido com a imagem anterior. Uma família, um pouco menor em quantidade de membros, na colheita do trigo que seria vendido para as indústrias nascentes, ou ainda transformado nos moinhos da região. Há na imagem 2 uma criança de aproximadamente 5 anos com um fecho de trigo. Isso representa muito bem que o trabalho infantil, desde muito cedo, foi uma realidade na pequena propriedade rural. Há também mulheres e homens de idades diferentes reafirmando que o trabalho produtivo era uma atividade de toda a família.

As roupas das mulheres, da imagem 2, mostram que o acesso à lojas era muito escasso, e por isso as roupas eram produzidas pelas mulheres da família. Apenas era necessário comprar o tecido para a confecção das roupas, pode-se perceber que o corte e a estampa são muito parecidas. Há um idoso na foto, aparentemente, essa família é composta por idosos, podem ser os pais do casal. Isso era um costume muito forte, um filho casava e permanecia na propriedade para dar continuidade ao trabalho da família e conduzir a propriedade. Se isso for verdade, pode perceber a ausência da mulher mais velha, que muito provavelmente está na casa da família nas atividades produtivas. Visto que, as mulheres mais velhas eram ‘poupadas’ das atividades braçais mais pesadas e ficavam no cuidado da casa, na costura das roupas, no cozimento dos alimentos.

A imagem ainda traz uma mata ao fundo. Nessa época a legislação ambiental ainda não estava em vigor e o desmatamento era uma prática dos primeiros imigrantes da região. A venda da madeira era uma fonte de renda, ou ainda a madeira extraída servia para a construção das casas, galpões e futuramente chiqueiros de porcos.

É importante ressaltar que essas imagens trazidas nesse artigo estão de pose do Museu Histórico de Concórdia. Isso faz parte do acervo histórico sobre a história do município e valorização das raízes. Muitas fotos que foram preservadas são de agricultores trabalhando, produzindo, desenvolvendo atividades produtivas, fortalecendo a concepção de que é através do trabalho que as pessoas adquirem respeito e prestígio. Isso pode ser identificado na forma como as pessoas se referem ao município de Concórdia/SC, capital do trabalho, onde trabalhar é, para a maioria das pessoas, um orgulho e quanto mais pesado esse trabalho, melhor pois é, mais respeitável e digno, na visão de grande parte da sociedade. Esse fato pode

explicar o motivo da maioria das fotos registrar o momento em que a família está trabalhando na colheita ou em outra atividade produtiva.

Assim pode-se evocar novamente Santiago Jr. (2019) que mostra a ideia de que a imagem pode assumir significados diversos para diversos indivíduos. Essa característica da imagem é a sua alteridade. Sendo então necessário estudar essas imagens históricas para entender a origem das coisas, a partir do seu ponto de vista e confrontar com novas teorias e outras tipologias de fontes. Por isso, é importante entender o contexto e a cultura material que a imagem foi construída, e toda a leitura das imagens deve contemplar essas especificidades culturais, históricas e ideológicas.

Imagem 2 - Colheita de trigo em Linha São Paulo na década de 1940 - Concórdia/SC.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Concórdia/SC.

A imagem 3 revela o ponto de comércio de suínos na atual cidade de Arabutã/SC, que antigamente pertencia ao município de Concórdia. Nesse período, a partir de 1945, a indústria de frigoríficos já estava se consolidando na região, ainda sem um aparato de tecnologia para a produção. Os agricultores criavam os suínos e levavam até um ponto de venda, através do tropeirismo de porcos, atividade comum entre os pequenos produtores familiares. O tropeirismo visava levar os porcos prontos para o abate da propriedade rural até o ponto de venda. Como as estradas eram inexistentes ou de péssimo tráfego os porcos eram transportados a pé de uma localidade para outra.

A imagem 3 traz um grupo de agricultores em carroças puxadas por bois que traziam os porcos para vender nesse ponto no então distrito de Arabutã. É possível perceber a ausência das mulheres e crianças. Devido a avidez da atividade, que as vezes durava dias, não era comum as mulheres e crianças participarem, pois, as mesmas necessitavam dar continuidade aos trabalhos domésticos e na propriedade rural.

Há algumas crianças na janela da casa, onde funcionava de sede para a compra de porcos, mas provavelmente essas crianças são filhos e filhas dos proprietários da casa, visto que as crianças estão dentro da casa. Essa casa é típica da cultura germânica, casa alta, com muitas janelas e geralmente com sobrado e porão. Casa construída, na maioria das vezes, com madeiras da região feitas pelos próprios agricultores e com uma arquitetura que só era comum para as famílias com maior poder aquisitivo.

A venda dos produtos e o trato com dinheiro, culturalmente, não são atividades para as mulheres e nem para todos os homens. Alguns, com poder aquisitivo maior, conseguem ter o poder de barganha e até mesmo a possibilidade de se ausentar alguns dias da propriedade para a venda dos porcos. Provavelmente a família desses homens que estão negociando os porcos é numerosa e dá conta de todas as atividades da propriedade. Isso representa um poder aquisitivo maior do que a maior parte dos agricultores da regi

Imagem 3 - Posto de Compras de suínos da Sadia em Arabutã/SC na década de 1948.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Concórdia/SC.

A imagem 4 traz uma cena muito comum no campo do meio oeste catarinense, o chamado *mutirão*. Isso consistia na ajuda de amigos, familiares e vizinhos na colheita do trigo ou do milho na propriedade de outra família, em troca de receber de volta essa ajuda. A moeda de troca eram os dias trabalhados e que provavelmente foi representado nas fotos, visto que há mais pessoas do que era comum para uma família. A colheitadeira de milho está em evidência na foto porque, talvez, era uma das poucas na região e representava um poder aquisitivo maior quem a possuía.

Na imagem 4 há homens, mulheres e crianças, incluindo menores de 2 anos. As roupas das pessoas são de tecidos e costuras muito parecidas o que representa, novamente, que a prática de costurar em casa as roupas da família era muito comum. Além disso, as mulheres usavam vestidos na foto. Se essa foto representar um dia de trabalho, o uso de vestidos compromete muito a eficiência das atividades das mulheres, pois dificulta a mobilidade. Como não se sabe se a foto foi encomendada ou não, não há como ter certeza de que o uso de vestidos nas atividades rurais era uma prática corriqueira.

No fundo há uma lavoura de milho, uma reserva ambiental e algumas casas, que provavelmente eram as casas dos trabalhadores. Casas simples, de madeira bruta, com uma arquitetura básica. Isso demonstra que esses colonos, diferentemente dos proprietários de comércio, não tinham recursos para construir casas com uma arquitetura mais elaborada, ou ainda casas como a da imagem 3.

Há ainda alguns bois que eram utilizados para ajudar nas atividades de colheita e de plantio. Esse era um costume muito comum a utilização de bois nas atividades agrícolas. Assim as atividades que exigiam uma maior força física eram aliviadas pela ajuda dos animais como os bois, geralmente trabalhando em juntas.

Imagem 4 - Colheita de Milho em Lageado[sic] dos Pintos na década de 1940 em Concórdia/SC.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Concórdia/SC.

A colheitadeira que aparece na imagem 4, possuía rodas o que representa que ela era de uso comunitário. Ou seja, ela era utilizada por todos os moradores de uma determinada comunidade. Essa prática era muito comum na época já que, individualmente, as famílias não tinham condições de comprar as suas próprias máquinas agrícolas. O que explicaria também os mutirões nas propriedades de vizinhos, a máquina era coletiva e os vizinhos e amigos ajudavam nas atividades.

A imagem 5 registrou uma abertura de estradas na região rural de Concórdia/SC. Como forma de aumentar a renda os homens mais velhos iam trabalhar na abertura manual de estradas e isso gerava uma renda extra para a família e uma possibilidade de comércio com a nova estrada aberta. Essa atividade era extremamente exaustiva e exigia muito dos trabalhadores, por isso, era uma atividade considerada apenas masculina.

A imagem 5 ainda destaca tocos de árvores cortados, os instrumentos utilizados para abrir as estradas, as pedras que foram destocadas e uma quantidade generosa de trabalhadores homens para as atividades. Apesar de ser uma atividade exclusivamente masculina, é possível perceber, de forma mais escondida na imagem, a presença de mulheres e crianças. Havendo um destaque maior para a presença masculina. Homens com a posição ereta empunham suas ferramentas como sinal de vitória, uma conquista. Possivelmente, as mulheres estavam

presentes para trabalhar nas atividades voltadas com alimentação e no corte da madeira para a lenha.

Quase a totalidade dos homens usavam chapéus, o que não é comum para as mulheres nas atividades fora da casa. Era uma questão cultural sobre o estilo da mulher, existiam roupas que eram socialmente aceitas e havia uma postura ideal para uma senhora respeitada. É possível notar que alguns homens estão bebendo algum líquido. Pode-se deduzir que era alguma bebida alcóolica, visto que, era um costume muito forte entre homens imigrantes o consumo de bebidas com álcool, principalmente após ou durante a realização de atividades físicas.

No canto esquerdo há uma bateria, o que indica que o trabalho era regado a bebida e música, deixando assim as dificuldades mais leves. A bateria junto com as enxadas, serrotes e pás, formam as ferramentas básicas de trabalho para um dia com atividades árduas e exaustivas.

Imagem 5 - Abertura de estradas em Barra do Tigre na década de 1950 em Concórdia/SC.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Concórdia/SC.

As imagens analisadas acima são parte desse processo de mostração, elas mostram uma cultura, uma parte da rotina cotidiana do trabalho de homens, mulheres e crianças. Mas

essa mostração não   est tica, e nem representa a totalidade. Sendo necessário questionar as imagens com novas perguntas e novas teorias para compreender o contexto como um todo.

Considerações finais

O conceito de opacidade e transparência de Alloa (2015) ajuda a compreender o contexto em que as imagens foram construídas e até mesmo o objetivo da sua produção. Esses elementos devem ser considerados na leitura que se tem das imagens. Sendo assim, é importante notar que, nas imagens analisadas, o fotógrafo tinha um domínio da técnica de fotografar, o que mostra que não era um amador ou um iniciante, mas sim um profissional. A nitidez das fotos   de qualidade para a época em que foram produzidas, a impressão da mesma forma, em bom papel e com uma qualidade impressionante, pensando na tecnologia existente. Assim podemos concluir que as fotos foram posadas, ou seja, as pessoas se prepararam e criaram um ambiente para representar um aspecto da sua vida e do seu trabalho. Isso não desqualifica em nada as fotografias, mas é importante levar em consideração essa informação pois, as imagens registram um recorte de um cenário e contexto maior.

As fotos foram tiradas, geograficamente, na área rural do município de Concórdia. Isso fica evidente pelo ambiente que aparece nas imagens. Em algumas há uma oposição entre mata e área desmatada, eventos que fazem parte do processo de desenvolvimento econ mico e regional da região. Todas as imagens foram tiradas durante o dia, com o fundo natural, em espaços privados. Não se sabe qual é o nome do fotógrafo que tirou a foto e nem a exatidão do ano em que ela foi feita.

As pessoas representadas nas imagens são de origem italianas e alemãs, todos brancos, com traços europeus, os homens com altura alta e as mulheres um pouco mais baixas. Traços rudes e castigados pelo trabalho no campo marcam o rosto das pessoas, homens e mulheres, que foram trazidas nas fotos. Além das pessoas adultas, as crianças têm características físicas muito comuns, cabelos claros e pele branca.

Em quase todas as fotos, a presença de animais   um aspecto marcante. Pois na vida rural animais domesticados e que ajudam nas atividades da propriedade são extremamente essenciais para a manutenção da reprodução da vida familiar.

As fotos são a captura de um momento do trabalho das famílias na propriedade ou na comunidade. Por isso, elas representam uma parte, significativa, mas não a totalidade, da vida e do trabalho, na pequena propriedade rural. É essencial destacar que o cenário escolhido para

ser registrado foi o que, na visão das pessoas, era o mais digno de registro, o que mais gerava orgulho em todos. Por ser uma escolha, outros aspectos da vida e do trabalho no campo foram deixados de lado, ou porque não eram considerados importantes ou porque não geravam valor para a família.

Nesse sentido pode-se perceber que a presença das mulheres é uma realidade em quase todas as atividades produtivas, somente na que exigia uma permanência fora de casa não houve a presença feminina. Essa presença nem sempre era considerada um trabalho, estando no mesmo patamar do trabalho das crianças, considerados como ajuda ao trabalho do homem. Não há nenhuma imagem que retrate a mulher desempenhando atividades reprodutivas, domésticas, de horta. Isso mostra que a invisibilização do trabalho feminino é uma realidade.

Questionar as imagens produzidas é lançar novas perguntas para essas fontes históricas, é problematizar a história dita oficial, é trazer personagens esquecidos para a memória coletiva e repensar os usos do passado no presente.

Referências Bibliográficas

- ALLOA, Emanuel. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, Emanuel (org). **Pensar a Imagem. Autêntica Editora**, Belo Horizonte, 2015.
- BOEHM, Gottfried. Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica. In: ALLOA, Emanuel (org). **Pensar a Imagem. Autêntica Editora**, Belo Horizonte, 2015.
- BONI, Valdete. **Produtivo ou Reprodutivo: O trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região oeste de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez.1995.
- BRANDENBURG, Alfio. A colonização do mundo rural e a emergência de novos atores. **RURIS**, Revista do Centro de Estudos Rurais – UNICAMP, v. 4, n. 1, mar. 2010.
- CAMPOS, Índio. **Os colonos do Rio Uruguai: relações entre a pequena produção e agroindústrias no Oeste Catarinense**. (Dissertação) - Universidade Federal da Paraíba, 1987.
- CASSEL, Déborah Kuntze; MOREIRA, Gabriela Schmidt; ZILIOTTO, Denise Macedo. A imigração alemã e a concepção de trabalho no Vale dos Sinos. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 57-62, 2005.
- DEERE, Carmen; LEÓN, Magdalena. **Género, propiedad y empoderamiento: tierra, Estado y mercado en América Latina Tercer Mundo Editores y UN**. Facultad de Ciencias Humanas. Bogotá, 2001.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Editora Elefante, São Paulo, 2017.

- HEREDIA, Beatriz M. A. de. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KONRAD, Joice; DA SILVA, Clécio Azevedo. Agricultura familiar no oeste catarinense: da colônia à Integração. 21 ed., **Encontro Nacional de Geografia Agrária**, Uberlândia, 2012.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Tradução de Jesus Raineri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MITCHELL, William John T. **Iconologia, Imagem e Iconografia**. Buenos Aires: Autêntica, 2015.
- PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e Questão agrária. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 7, p. 87-108, 1 dez. 1989.
- PERTILE, Noeli. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina**: o processo de produção de carnes no oeste catarinense. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- POLI, Jaci. Caboclo: Pioneirismo e Marginalização. In: **Cadernos do CEOM** (Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste), Chapecó, FUNDESTE, n. 7, 1991.
- RENK, Arlene; WINCKLER, Silvana. Para uma biografia da pequena propriedade rural no oeste catarinense. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 17, n.2, p. 307-319, 2017.
- SANTIAGO JR. Francisco Chagas. A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades. **ANAIS DO MUSEU PAULISTA** – v. 27, 2019, p. 1-51.
- SANTOS, Cláudio Soares dos; JOHN, Natacha Souza. O desenvolvimento rural e a agroecologia: uma alternativa para sustentabilidade ambiental. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 3053-3063, out./dez. 2018.
- SCHWENDLER, Sônia Fátima. A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p.1-14, jun. 2020.
- SEYFERTH, Giralda. O colono múltiplo: transformações sociais e (re) significação da identidade camponesa. **Raízes**, v.31, n.1,p. 10-24, jan-jun / 2011.
- TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Estratégias e formas de reprodução social na agricultura familiar da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. **Novos Cadernos NAEA**, v. 21, n. 1, p. 139-158, jan/abr 2018.
- VALENTINI, Delmir José. A Guerra do Contestado (1912-1916). In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. **História da Fronteira Sul**. Editora Letra e Vida, Chapecó, 2015.
- WANDERLEY, Maria de N. Baudel. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora da UFPR, n. 2, Curitiba, 2000.